

II Encontro de Aprendizagem Lúdica



ANAIS - 18 e 19 de novembro de 2016

REALIZAÇÃO



GEPAL
Grupo de Estudos e Pesquisas
Sobre Aprendizagem Lúdica

APOIO



fapdf
Fundação de Apoio à
Pesquisa do Distrito Federal



II Encontro de Aprendizagem Lúdica

Anais

18 e 19 de novembro de 2016

ORGANIZAÇÃO

Antônio Villar Marques de Sá

Cleia Alves Nogueira

Bárbara Ghesti de Jesus

Brasília – DF

Faculdade de Educação

2017

Projeto gráfico e diagramação: Walner Pessoa
Ilustração da capa: Keila Cristina Araújo Reis
Revisão: Antônio Villar Marques de Sá e Danuzia Queiroz
Financiamento: Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal

COMISSÃO ORGANIZADORA DO II EAL

Antônio Villar Marques de Sá - Presidente
Alessandra Lisboa da Silva
Américo Junior Nunes da Silva
Ana Brauna Souza Barroso
Bárbara Ghesti de Jesus
Cleia Alves Nogueira
Dayse do Prado Barros
Eurípedes Rodrigues Neves
Josinalva Estacio Menezes
Keila Cristina Araújo Reis
Luiz Nolasco de Rezende Júnior
Marcos Paulo Barbosa
Maria Auristela Barbosa Alves de Miranda
Maria Dalvirene Braga
Mônica Regina Colaço dos Santos
Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas
Simão de Miranda
Virgínia Perpetuo Guimarães Pin
Wesley Pereira da Silva

COMISSÃO CIENTÍFICA DO II EAL

Antônio Villar Marques de Sá - Coordenador
Alessandra Lisboa da Silva
Américo Junior Nunes da Silva
Josinalva Estacio Menezes
Luiz Nolasco de Rezende Júnior
Marcos Paulo Barbosa
Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas
Simão de Miranda

ISBN versão impressa: 978-85-5983-001-9
ISBN versão eletrônica: 978-85-5983-002-6

Ficha catalográfica

S456e Encontro de Aprendizagem Lúdica (2. : 2016 : Brasília).
II Encontro de Aprendizagem Lúdica : anais, 18 e 19 de
novembro de 2016 [recurso eletrônico] / organização Antônio Villar
Marques de Sá, Cleia Alves Nogueira, Bárbara Ghesti de Jesus. -
Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2017.

Documento em PDF.
ISBN 978-85-5983-002-6 (E-book).
Inclui bibliografia.

1. Aprendizagem. 2. Jogos educativos. 3. Brincadeiras -
Educação. I. Sá, Antônio Villar Marques de (org.). II. Nogueira,
Cleia Alves (org.). III. Jesus, Bárbara Ghesti de (org.). IV. Título.
V. Título: Anais do II Encontro de Aprendizagem Lúdica.

CDU 371.382

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)
Faculdade de Educação - Campus Darcy Ribeiro
Universidade de Brasília
70910-900 - Brasília -DF - Brasil

35 AS BRINCADEIRAS DE PAPÉIS SOCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

- Janaína Rolins de Sousa, Universidade de Brasília (janainarolins@gmail.com)
- Otília Maria A. N. A. Dantas, Universidade de Brasília (otiliadantas@unb.br)
- Ireuda da Costa Mourão, Universidade de Brasília (ireuda.mourao@hotmail.com)

1 RESUMO

Este texto aborda a temática *As Brincadeiras de Papéis Sociais na Educação Infantil*. Trata-se de uma experiência que aconteceu durante o estágio obrigatório do curso de Pedagogia. Ao se inserir no campo de estágio, algumas questões foram suscitadas quanto ao tratamento dado às brincadeiras. Dessa forma, buscou-se, durante o estágio, compreender as contribuições das brincadeiras e, em especial, das brincadeiras de papéis sociais para os processos de ensino e aprendizagem, bem como para a constituição da criança como sujeito social. A experiência possibilitou chegar à conclusão de que, na escola, algumas brincadeiras (não as de papéis sociais) já eram utilizadas no processo de ensino e aprendizagem nas diversas áreas de conhecimento; e também de que as brincadeiras de papéis sociais eram utilizadas, mas não pedagogicamente e, sim, pela tradição. Esse tipo de brincadeira não era planejado pelos professores e também não era utilizado como estratégia de aprendizagem.

Palavras-chave: Brincadeiras de papéis sociais. Educação infantil. Ensino e aprendizagem.

2 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência é resultante da inserção no campo de estágio do curso de Pedagogia. Ao começar a observar o cotidiano de uma escola de educação infantil, lembrei a minha história de vida e o quanto a brincadeira teve muita importância no meu desenvolvimento. Aliado a isso, a participação em disciplinas curriculares do curso de Pedagogia, especialmente a de Atividades Lúdicas em Início de Escolarização, suscitou em mim algumas inquietações sobre a importância das brincadeiras na educação infantil, especialmente sobre as brincadeiras de papéis sociais, e entendi que poderiam ser respondidas durante o estágio do curso de Pedagogia.

Compreendo que o estágio é condição essencial para formação docente, e é por meio dele que o aluno irá legitimar o olhar de educador em relação ao exercício da sua profissão. Ou seja, é nesse período que o aluno poderá entender e relacionar os vários aportes teóricos que foram desencadeados durante a sua trajetória acadêmica. Ao longo dessa prática, o estagiário também desenvolve habilidades, hábitos e atitudes relacionadas ao seu comprometimento em ações pertencentes ao exercício da sua execução e função profissional. O estágio possibilita uma vivência concreta ao exercício da profissão,

fazendo com que seja realizada uma atuação transfigurada na realidade escolar e no desenvolvimento integral do aluno.

As questões que me foram suscitadas durante o estágio eram: Do que as crianças brincam na escola? Qual o objetivo de brincar na escola? Como a utilização de brincadeiras de papéis sociais auxilia na formação e na constituição da criança como um sujeito social? Qual o papel das brincadeiras, em especial das brincadeiras de papéis sociais, nos processos de ensino e aprendizagem. Essas questões me levaram a elaborar o seguinte problema de pesquisa: De que forma as brincadeiras de papéis sociais podem contribuir para os processos de ensino e de aprendizagem na educação infantil e, também, para a constituição da criança como sujeito social?

3 UM OLHAR MAIS APURADO SOBRE AS BRINCADEIRAS NA ESCOLA

As observações foram realizadas em uma escola pública de educação infantil localizada em Brasília, DF. Uma característica observada diz respeito aos muitos registros de conflitos entre as crianças e que, em muitas situações, não eram mediados pela professora. Essas também eram bastante musicais, adoram cantar, quando estavam realizando as atividades. Muitos faziam amizade fácil, assim como desfaziam e esqueciam e voltavam a falar com a criança. Alguns ficavam muito tristes quando alguém falava que não queria ser seu amigo ou não queria brincar com ele, o comportamento geral era de sentar no canto, às vezes embaixo da mesa e chorar, ou reclamar para a tia que fulano de tal não quer mais ser meu amigo.

A escola de educação infantil investigada tinha uma estrutura que possibilitava o brincar, eram dois parques, um de areia e outro com grama sintética, além de um pátio. Os espaços eram limpos e utilizados com frequência pelas turmas, mas, assim como a maioria

das escolas de educação infantil, faltava um espaço arborizado. A sala possuía um espelho para que as crianças pudessem enxergar-se de corpo inteiro.

A rotina geralmente começava com a recepção das crianças no pátio, horário que cantavam algumas cantigas direcionadas pelos professores. É importante dizer que, a partir de trabalhos realizados com cantigas, as crianças podem conhecer diferentes costumes e valores culturais, pois a canção popular está diretamente relacionada às brincadeiras de roda. Para Cascudo (2001), a fácil compreensão, por meio das letras, retrata a realidade da criança, que acaba estimulando seu imaginário e que, geralmente, também são construídas coreografias, agregando também a linguagem corporal, que acabam sendo memorizadas por elas.

Na rotina das crianças, o brincar tinha um espaço garantido. Na sala de aula, havia um espaço para guardar os brinquedos. As crianças brincavam diariamente nos parques, brincavam na sala de aula e nas sextas-feiras podiam vir fantasiadas e trazer brinquedos de casa. A maioria das brincadeiras e jogos que participavam era: jogos de construção, jogo da memória, brincadeiras musicais, (estas geralmente eram propostas pelas professoras) e as recreativas, de faz de conta e de papéis sociais (que as crianças brincavam independentemente de as professoras organizarem e direcionarem).

A rotina, conforme Zabalza (1998), deve dispor de atividades planejadas, mas também deve ter espaço para atividades inesperadas, de qualquer forma, as crianças precisam participar ativamente da organização dessa rotina diária, o que não se verificava no caso das turmas observadas, pois a rotina não era partilhada ou decidida pelas e com as crianças no início das aulas. A atividade da rodinha, por exemplo, poderia ser muito bem aproveitada, caso as professoras resolvessem dialogar com as crianças sobre os acontecimentos do dia e registrar a rotina no quadro ou em um cartaz, isto faria com que as crianças

pudessem organizar a noção de tempo, além de transformar-se em uma atividade de linguagem, por possibilitar associar fonema/grafema ao decidirem sobre o que escrever na rotina.

A rodinha, pelo que observado, fazia parte da rotina, mas a intervenção das professoras era mínima, e os diálogos eram “rasos”, e isto dificulta o estabelecimento da efetividade no grupo, também não contribui para que esses momentos sejam utilizados para conhecer melhor a turma, e então planejar novas situações de aprendizagem. No caso das brincadeiras, também tive a mesma impressão que, na rodinha, isto é, que algumas vezes a brincadeira fazia parte da rotina pela tradição, e que não eram, de fato, planejadas. Não estou querendo dizer que toda brincadeira e toda roda, por exemplo, precisam ser planejadas, não é isso. As crianças precisam brincar e conversar livremente também, mas acontece que, na maioria das vezes que brincavam, era livremente.

Uma das coisas que eu queria observar sobre as brincadeiras, que inclusive era minha hipótese, era verificar se as brincadeiras eram estratégias utilizadas pelas professoras no processo de ensino e aprendizagem das crianças. Percebi, sim, algumas atividades das áreas do conhecimento em que as professoras utilizavam brincadeiras. Por exemplo: utilizaram várias brincadeiras para desenvolver a aprendizagem da linguagem e habilidades motoras, como o bingo de letras, o bingo dos nomes das crianças, jogos da memória de letras e figuras. Já para o desenvolvimento motor, foram utilizados, circuitos motores, brincadeiras de roda, jogos como vivo ou morto e cabeça, ombro, joelho e pé.

O que me interessava e também era minha hipótese era que as brincadeiras de papéis sociais não estavam entre essas brincadeiras que poderiam promover aprendizagem nas crianças. Em nenhum momento, observei que as brincadeiras de Papéis Sociais foram planejadas intencionalmente para promover

a aprendizagem das crianças nas diversas áreas do conhecimento. Os momentos de brincadeiras em que as crianças se colocaram no papel de outros, de adultos, por exemplo, ou que brincavam imitando pessoas e situações do cotidiano, as poucas vezes que observei algo semelhante, geralmente as crianças eram tolhidas pelas professoras e a brincadeira acabava muito cedo.

À medida que as crianças estabelecem interações com outros parceiros, elas assumem diferentes personagens. O sujeito descobre uma perspectiva diferente da sua e aprende a reagir às suas próprias ações como os outros fariam, ela aprende os papéis que existem, por exemplo, na família e em outros contextos. Nesse sentido, Oliveira (2011, p. 71) compreendeu que os papéis são assumidos pelos indivíduos conforme eles buscam dar significados as situações concretas em que estão inseridos – um sentido, de acordo com as interpretações que formulam a todo o momento em relação a elas. Nessa abordagem, Oliveira (2011, p. 74) esclareceu que a criança ao nascer é colocada em uma instituição social sua, isto é, a família, e depois na creche ou pré-escola em que vários papéis são recriados pela criança. Assim, a partir da interação do sujeito com o meio, os campos de significação são ampliados.

As crianças estão o tempo todo brincando com determinados papéis sociais, e, ao observarmos as crianças, logo pensamos que é uma ação simplista e sem relevância, porém é nas brincadeiras de papéis sociais que a criança é desafiada a reproduzir as suas representações sociais que agregam situações que lhe são boas ou ruins, ou seja, expressam suas emoções complexas que necessitam ser compreendidas e trabalhadas cuidadosamente. Segundo Martins (2006, p. 39):

A Brincadeira de Papéis Sociais influencia decisivamente o desenvolvimento global da criança. Ao brincar, ela aprende a ser e a agir diante das coisas e das pessoas, pois é a partir das ações realizadas que os processos

internos se estruturam, orientando outras ações práticas, mais autônomas e complexas, que enriquecerão os processos internos e assim sucessivamente. Portanto, as brincadeiras infantis destacam-se no vasto campo social que circunscreve a vida da criança e que representa a base do desenvolvimento de todos os atributos e propriedades humanas.

Durante as brincadeiras, as crianças exercitam técnicas e estratégias de convívio social e as mais diversificadas formas de como lidar com os conflitos sociais que surgem durante a execução da brincadeira (ISIDRO; ALMEIDA, 2003). Entretanto percebi que, naqueles momentos, não eram propositais, geralmente não era utilizado para ajudar as crianças a mediar conflitos, se colocarem no lugar do outro, nem muito menos como estratégias no processo de ensino e aprendizagem, ao contrário, geralmente as cenas consistiam de muitos conflitos que também eram poucos mediados pelas professoras, a atitude mais comum era retirar a criança do conflito e colocar no canto do pensamento. Contrapondo essa realidade, o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (RCNEI) adverte que cabe ao professor, durante as brincadeiras das crianças, oferecer uma intervenção intencional para que as brincadeiras possam constituir uma visão dos processos educativos, permitindo o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis (BRASIL, 1998). Ainda sobre as brincadeiras, Brasil (1998, p. 29) coloca que:

Organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais.

Assim, para o RCNEI, o professor precisa estabelecer entre as brincadeiras um elo com as mais diversas esferas do conhecimento. Portanto, em Brasil (1998, p. 31):

Cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima. [...] pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver. [...] As capacidades de interação são também desenvolvidas quando as crianças podem ficar sozinhas, quando elaboram suas descobertas e sentimentos e constroem um sentido de propriedade para as ações e pensamentos já compartilhados com outras crianças e com os adultos, o que vai potencializar novas interações.

O que está se propondo aqui é que as brincadeiras potencializem interações, que promovam o compartilhar, que sejam estratégias para que a criança aprenda a viver com o outro, para pensar sobre suas ações, elaborar descobertas. O que estou defendendo é que as brincadeiras de papéis sociais também possam ser potencializadoras de processos de ensino e aprendizagem, pois, até então ou ao menos, é o que se pode afirmar com base nessa observação da rotina na educação infantil é que as brincadeiras de papéis sociais não tinham sido utilizadas com esse fim.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as brincadeiras de papéis sociais, as crianças possuem a liberdade de assumir um papel de um adulto “agir também como se fosse”, mas esse é um papel social, no qual a criança construiu no decorrer das suas relações com o meio que lhe circunda e das reproduções das ações realizadas pelos adultos, isto é, as brincadeiras de papéis sociais, que estimulam na criança novas buscas. A criança busca ser um sujeito social, regido por uma sociedade com regras, que lhes cabe respeitar. Ela busca compreender e dominar um mundo onde ainda não pode assumir seu papel social, mas, nas brincadeiras, essa necessidade é alcançada, portanto, paulatinamente as crianças nessas brincadeiras assumem com significância os traços que simultaneamente lhe são importantes para sua formação social e cultural, seja como criança e tardiamente, seja como adulto.

Quanto a isso, entendo ser necessário que os órgãos públicos invistam tanto financeiramente nas escolas de educação infantil, possibilitando a elas estrutura para que as crianças possam brincar, quanto na reformulação nos documentos oficiais. É necessário também que a formação de professores, seja ela a inicial, seja em serviço, para essas brincadeiras ganhem o sentido e a importância que merecem, para que possam também ser reconhecidas pelos professores da educação infantil como uma ferramenta pedagógica que promova a aprendizagem dos alunos. Por fim, sugere-se que a formação inicial, por meio do estágio e de outras disciplinas, e a formação em serviço sejam repensadas a fim de que as brincadeiras de papéis sociais se tornem objeto de reflexão dos futuros professores e daqueles que estão em serviço. Também proponho que o registro das crianças brincando seja utilizado como estratégia para reflexão da prática e elaboração de novos planejamentos.

5 REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC; SEB, 1998.
- CASCUDO, C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.
- ISIDRO, A.; ALMEIDA, A. T. M. Projecto Educar para a convivência social: O jogo no currículo escolar. *Cadernos Encontro: O museu a escola e a comunidade*. Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, 2003.
- MARTINS, L. M. A brincadeira de papéis sociais e a formação da personalidade. In: ARCE, A. DUARTE, N. (Org.). *Brincadeira de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e e Elkonin*. São Paulo: Xamã, 2006. p. 27-50.
- OLIVEIRA, Z. M. *Jogo de papéis: um olhar para as brincadeiras infantis*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ZABALZA, M. A. *A qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.